

Mulheres e o Trabalho na Indústria do Bordado de Ibitinga-SP sob o Viés da Geografia Cultural

Women and the Work in the Embroidery Industry of Ibitinga-SP under the Cultural Geography Bias

Mujeres y el Trabajo en la Industria del Bordado de Ibitinga-SP bajo el Sesgo de la Geografía Cultural

João Vitor de Freitas – joao.freitas@sou.unifal-mg.edu.br
Graduando em Geografia da Universidade Federal de Alfenas
Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-0683-2524>

Resumo

O município de Ibitinga possui um importante componente em sua economia, o bordado. Porém, é necessário compreender quem são as responsáveis pelo surgimento e propagação dessa indústria tão forte no município. Desse modo, o presente trabalho busca compreender as mulheres bordadeiras, sua influência no surgimento do bordado no município e, através da Geografia Cultural, como são as representações que essas bordadeiras possuem. Para isso, o trabalho conta com quatro entrevistas com bordadeiras do município, que contam suas histórias (MASSEY, 2008), assim como uma análise a partir de alguns autores como Massey (2008), Gil Filho (2005) e Cosgrove (2012), para assim melhor compreender a dinâmica feminina no espaço do bordado ibitinguense.

Palavras-chave: Ibitinga, Bordado, Bordadeiras, Representação, Espacialidade.

Abstract

The municipality of Ibitinga has an important component in its economy, embroidery. However, it is necessary to understand who's responsible for the emergence and propagation of this strong industry in the municipality. In this way, the present work seeks to understand women embroiderers, their influence on the emergence of embroidery in the municipality and, through Cultural Geography, how the representations that these embroiderers have. For this, the work has four interviews with embroiderers in the municipality, who tell their stories (MASSEY, 2008), as well as an analysis from

some authors such as Massey (2008), Gil Filho (2005) and Cosgrove (2012), so we can have a better understanding of the feminine dynamics in the ibitinguense embroidery space.

Key words: Ibitinga, Embroidery, Women Embroiderers, Representation, Spaciality.

Resumen

El municipio de Ibitinga tiene un componente importante en su economía, el bordado. Sin embargo, es necesario entender quiénes son los responsables del surgimiento y propagación de esta fuerte industria en el municipio. De esta forma, el presente trabajo busca comprender a las mujeres bordadoras, su influencia en el surgimiento del bordado en el municipio y, a través de la Geografía Cultural, cómo son las representaciones que tienen estas bordadoras. Para ello, el trabajo cuenta con cuatro entrevistas a bordadoras del municipio, quienes cuentan sus historias (MASSEY, 2008), así como un análisis de algunos autores como Massey (2008), Gil Filho (2005) y Cosgrove (2012), para De esta manera, podemos comprender mejor la dinámica femenina en el espacio de bordado de Ibitinga.

Key words: Ibitinga, bordado, bordadoras, representación, espacialidad.

Recebido em: 20/07/2022
Aceito: 20/09/2022
Publicado: 03/10/2022

Introdução

O município de Ibitinga recebeu no ano de 1992 o título de estância turística, sendo reconhecida como a Capital Nacional do Bordado, sendo reconhecida nacionalmente pela sua indústria quase que completamente voltada à produção do bordado.

Desse modo, acaba ficando claro como o bordado tem papel importantíssimo na economia do município, se tornando chave para o desenvolvimento financeiro do município, desde a metade do século XX até os dias de hoje.

O destaque do trabalho, portanto, fica na relação entre o gênero e o trabalho no bordado. Como será apresentado, o surgimento da indústria do bordado de Ibitinga, assim como o desenvolvimento e comercialização do produto foi feito inteiramente por mulheres, que atualmente, foge do reconhecimento da população ibitinguense. Assim, as bordadeiras que trabalham em seus municípios acabam sofrendo com jornadas duras de trabalho, sem o seu devido reconhecimento.

Para analisar essa questão, tratamos do tema pela ótica da Geografia Cultural, trazendo autores como Filho (2005), Massey (2008) e Cosgrove (2012) para discutir as diferentes representações e impactos causados tanto pelo bordado quanto pelas próprias bordadeiras.

O trabalho também conta com entrevistas para que através das histórias (MASSEY, 2008), possamos compreender a vida das bordadeiras de Ibitinga, tanto as mais idosas quanto as mais jovens. Dessa forma, foram entrevistadas duas integrantes da família Fernandes, quase que toda composta por bordadeiras, assim Aparecida Izildinha de Freitas, de sessenta e nove anos, que traz em sua experiência o que foi ser bordadeira no século passado.

Desenvolvimento

Localizado no interior de São Paulo, Ibitinga é um município de aproximadamente 61.150 habitantes (IBGE,2021), na microrregião de Araraquara. O município possui 683.391 Km², sendo um dos municípios com

maior influência na região, principalmente pela sua forte indústria do bordado, que dá a Ibitinga o título de “Capital Nacional do Bordado”.

O bordado faz parte da história de Ibitinga, e até os dias de hoje, tem papel chave no funcionamento econômico do município, impactando a vida de muitos ibitinguenses, direto e indiretamente. Para isso, cabe conhecer o que é a indústria do bordado de Ibitinga, assim como compreender a relação entre o bordado e o trabalho da mulher nessa indústria, analisando através da perspectiva da geografia cultural.

Para iniciarmos o debate, cabe conhecer a indústria do bordado de Ibitinga. Como afirma Leite (2009), Ibitinga surge como um município com economia focada no café, sendo a produção e comercialização desse produto comprometida após a crise de 1930. Devido a isso, o bordado começa a ganhar destaque, sendo primeiramente produzido por uma portuguesa chamada Dioguina Sampaio (MATUSHIMA, 2005), que bordava em sua própria casa.

Como destaca Matushima (2005), Dioguina após se ver em dificuldades econômicas dentro de casa, decidiu utilizar de seu conhecimento com o bordado para buscar um complemento na renda de sua família. Desse modo, confeccionava diversos tipos de peças de bordados, indo de roupas de bebês até artigos de cozinha.

Dioguina Sampaio, que havia aprendido a bordar tecidos na ilha da Madeira (era um traço cultural seu), teve a idéia de começar a confeccionar enxovais de noivas, roupas de bebê, toalhas de mesa, etc., peças que permitissem a aplicação dessa técnica de bordados em tecido, para vender. Para aumentar sua produção, comprou uma antiga máquina de costura manual, onde começou um processo de produção em uma escala maior (MATUSHIMA, 2005, p. 58).

Assim, o crescimento da produção fez com que Dioguina buscasse mulheres, das quais eram treinadas por ela, que lhe auxiliasse com a produção devido ao aumento da demanda, que era visto como algo positivo, pois como aponta Matushima (*idem*), as mulheres podiam trabalhar com serviços domiciliares, incluindo assim o bordado.

Conforme o crescimento da produção do bordado ocorreu, surgiram então os salões de bordados (que podem ser vistos até mesmo nos dias de hoje no município), sendo alguns salões formados por mulheres que foram treinadas por Dioguina, já que o bordado se tornou um produto fortemente rentável.

Outro importante aspecto que ressalta a participação da mulher no bordado, é o acordo apontado por Matushima (2005) entre Dioguina Sampaio e Maria Braga. Vendo-se em dificuldade de comercializar o produto (devido ao grande aumento do número dos salões de bordado), Dioguina entrou em um acordo com Maria Braga para que, enquanto a portuguesa cuidava da confecção do bordado, Maria cuidasse da comercialização.

Isso destaca como a mulher não é apenas uma simples participante da economia ibitinguense, que é fortemente dependente do bordado. A mulher se fez presente e de completa importância para estruturação econômica do município, já que a organização da produção e comercialização do bordado foi inteiramente feminina.

Desse modo, a produção do bordado se inicia como uma produção paralela aos trabalhos domésticos feitos unicamente pelas mulheres, ou seja, o bordado era visto pelo homem apenas como uma fonte de renda complementar na casa, mesmo que configure a principal fonte de renda do lar (LEITE, 2009). Assim, as bordadeiras trabalhavam em suas casas, enquanto conciliavam as tarefas domésticas. Essa questão levanta como o trabalho exercido pela mulher acaba sendo suprimido e até mesmo menosprezado por homens que não aceitam a mulher no mercado de trabalho.

Com o surgimento da primeira máquina de bordado na década de 50 (LEITE, 2009), a produção de bordado é acelerada, tornando-se uma produção em larga escala. Esse aumento da produção tornou o bordado a principal economia de Ibitinga, trazendo assim homens para dentro do processo produtivo.

[...] o bordado começou a ser produzido em série, passando a dividir-se em várias fases, desenvolvidas por diferentes pessoas: o corte, o risco, o bordado propriamente dito, o arremate, a costura e a lavanderia. A divisão do trabalho, aliada ao rápido aumento da produção industrial, começou a trazer também o homem para a atividade: a confecção e o bordado assumiam o status de principal atividade econômica local e Ibitinga iniciava um rápido desenvolvimento econômico (LEITE, 2009, p. 187).

Cabe relacionar essa questão com o que é apresentado por Matushima (2005), onde a transformação apresentada principalmente durante a década de 50 e 60 fez com que o país se torna cada vez mais urbanizado, com um acentuamento da industrialização e diminuição da população rural. Isso ajudou

para que homens, que deixavam o campo e se moviam em direção às cidades, buscassem no bordado uma fonte de renda.

Também, esse movimento considerado tardio do homem em direção à cidade, juntamente do papel da mulher no bordado, acabou por restringir a produção do produto no município de Ibitinga. Como apresenta Cintrão (1990 *apud* MATUSHIMA, 2005), o papel da mulher tem espaço especial para a ocorrência dessa limitação

[...] o bordado restringiu-se a Ibitinga porque, no início de sua implantação, foi uma atividade predominantemente feminina, apesar do grande número de homens que foram trabalhar no ramo, posteriormente. O bordado, principalmente o realizado em domicílio, era uma atividade feita predominantemente por mulheres, muitas delas casadas que, na falta de outra opção de trabalho para complementarem a renda familiar, dedicavam-se ao bordado, e como os ganhos do bordado eram muito reduzidos para atrair mão-de-obra de outros locais, esta atividade acabou restringindo-se à Ibitinga (CINTRÃO *apud* MATUSHIMA, 2005, p. 61).

Desse modo, a indústria do bordado de Ibitinga passou, como afirma Leite (*idem*), por mais um grande salto, resultando na I Feira do Bordado de Ibitinga. O evento, que vem ocorrendo até os dias atuais, é um atrativo do município em toda região, e promove anualmente (com exceção dos anos de 2020 e 2021 devido a pandemia do COVID-19) eventos que visivelmente ressaltam a importância deste produto para a economia ibitinguense, como podemos notar na Figura 01.

Figura 01 - 46^a Edição da Feira do Bordado de Ibitinga.



Fonte: G1 (2019).

Cabe ressaltar que mesmo com o esforço feito para inserção do homem no mercado de trabalho do bordado, como aponta Leite (2009), ainda sim não se

pode esquecer ou desvalorizar o esforço feito pelas mulheres na elaboração e fortalecimento desse produto. Desse modo, cabe destacar uma impossibilidade desvincular o bordado do trabalho feito pelas mulheres.

Assim, mesmo com os eventos da abertura da Escola de Bordadeiras descrito por Leite (2009), onde afirmava que as mulheres conseguiam sozinhas dar conta da demanda do bordado, assim como apresentavam “muitas exigências”, não pode-se esquecer que toda estrutura econômica do município teve início no trabalho dessas mulheres. Desse modo, reforça Louzada & Zanetti (2008), ao afirmarem a relação entre a trajetória histórica do bordado e o trabalho da mulher.

Da máquina simples, a pedal (também denominada “maquininha” pelas bordadeiras), passou-se para a máquina elétrica (também chamada de semi-industrial) e, mais recentemente, à máquina de produção em série, que vem ganhando espaço nas indústrias de bordado. No primeiro e no segundo caso tem-se a presença da bordadeira comandando todo o processo de confecção (Louzada & Zanetti, 2008, p.1).

Desse modo, fica evidente a influência da mulher no bordado não apenas em sua produção, mas em toda estrutura de fabricação e distribuição desse produto, principalmente antes da inserção do homem na produção e do surgimento da Escola de Bordadeiras. Também destaca Cintrão (1990 apud MATUSHIMA, 2005), que a mulher é responsável pela estruturação econômica do bordado, e conseqüentemente, do município.

É preciso dar destaque ao quão importante isso é. O homem só se inseriu de fato na produção do bordado quando essa já havia se estruturado como fonte de renda no município, ou seja, toda construção da produção e comercialização foi feita por mulheres.

O BORDADO E AS BORDADEIRAS NA GEOGRAFIA CULTURAL

Porém, é necessário entender a relação entre as bordadeiras de Ibitinga e a geografia em si. Como mencionado, o trabalho busca, através dos conceitos da Geografia Cultural, compreender a participação e a importância da mulher dentro do mercado de trabalho no bordado de Ibitinga.

Para iniciarmos essa discussão, é importante compreendermos o que FILHO (2005) aponta como representação. Quando pensamos em representação, muitas vezes é passada a sensação de um conceito do qual nunca de fato paramos para refletir. Desse modo, representação é compreender a dialética entre objeto e sujeito, ou seja, a relação entre o sujeito e o que aquele objeto significa para o mesmo, como o influencia e como é influenciado por esse sujeito.

Quando pensamos nessa relação entre sujeito e objeto como construtores de uma representação, cabe entender que a representação é individual, ou seja, é diferente para cada indivíduo, já que nem todos possuem as mesmas experiências nas relações. Um exemplo disso é pensar em uma comida. Ao mesmo tempo que aquele prato de comida pode ter um efeito positivo para uma pessoa (uma memória boa, um sentimento bom, etc), pode causar o efeito inverso em outro indivíduo.

Outro importante conceito trabalhado pelo autor é a representação coletiva, ou como também é chamado por Filho (2005), representação social. Desse modo, esse tipo de representação não leva em conta apenas a relação entre um único sujeito e o objeto, mas compreende os fenômenos sociais que impactam certos grupos, e como esses grupos partilham de uma representação similar.

As representações coletivas seriam a própria trama da vida social, possuindo um caráter relacional tanto entre indivíduos como entre grupos sociais. Desse modo, são os fenômenos sociais que revestem as representações de seu caráter concreto e inteligível. As representações coletivas são os modos como os grupos pensam suas relações com os objetos que os afetam (FILHO, 2005, p. 55).

Portanto, pode-se entender que existe uma relação entre as bordadeiras de Ibitinga e a indústria do bordado no município, ou seja, essas mulheres que trabalham nesse ramo de produção possuem uma representação social, geradas por elas devido a sua relação entre o trabalho nas indústrias de bordado e impacto dessas indústrias em suas vidas.

Outro conceito utilizado para relacionar com a representação social de Gil Filho (2005) é o conceito de espacialidade, temporalidade e estórias, trazido por Massey (2008). Como afirma a autora, as estórias são relatos contados sobre as experiências e vivências dos indivíduos, ou seja, a relação entre eles e os objetos que fazem ou fizeram parte de sua vida. Desse modo, compreender que o espaço

é uma trajetória de múltiplas e simultâneas estórias, que se modificam com o tempo, nos permite compreender as diversas representações do espaço.

Novamente, isso pode ser visto em casos como o das bordadeiras de Ibitinga. As estórias que cada uma delas pode apresentar, mostra como a diferença da organização espacial na época da qual debatem (ou seja, em um determinado tempo), faz com que tenham diferentes representações daquele objeto, nesse caso, do bordado.

Para que seja possível relacionar os dois conceitos, foi conduzido para esse trabalho uma entrevista com os integrantes da família Fernandes, formada por uma grande presença feminina (quatro irmãs e um irmão), onde todas tiveram uma passagem ou ainda estão diretamente ligadas com a produção do bordado, principalmente a domiciliar.

A primeira das irmãs é Marli Fernandes, de 58 anos, que conta em sua entrevista que trabalha em uma das grandes fábricas de bordado de Ibitinga. Em seu local de trabalho, afirma que a jornada de trabalho entre homens e mulheres é a mesma, possuindo uma divisão do trabalho já que mulheres são escolhidas para trabalharem em serviços relacionados a costura, bordado em si, *overlock*, entre outros, enquanto os homens são designados a trabalhos relacionados a transporte, estoque e carregamento de caminhões.

Marli afirma também que, em seu dia a dia, observa a diferença entre seu trabalho com o trabalho feito por bordadeiras que trabalham em seu domicílio. Marli afirma que em seu trabalho, possui direitos como salário mínimo, vale refeição e vale transporte, que a auxiliam em sua vida financeira. Porém, as bordadeiras que trabalham em seus domicílios não possuem esses mesmos direitos, ou seja, como afirma Marli, muitas acabam não conseguindo atingir um salário mínimo ao fim do mês.

Isso é um reflexo da terceirização do trabalho, muito frequente na atual organização da produção do bordado ibitinguense. Cada vez mais se vê um aproveitamento da mão de obra feminina domiciliar, que para buscarem fugir da pobreza e da má qualidade de vida, aceitam serviços mal remunerados para se manterem com uma mínima renda.

A segunda integrante da família é Magali Fernandes, de 60 anos, que afirma na entrevista trabalhar como bordadeira em seu domicílio juntamente de sua filha, Alessandra. De acordo com Magali, a produção por ela feita é completamente domiciliar, dando destaque ao que foi apresentado por ela sobre a jornada de trabalho.

Como afirma a entrevistada, sua jornada de trabalho é “livre”¹ já que os horários são escolhidos por ela mesma. Também afirma que trabalha de segunda à sexta, das 6h às 18h, sem pausa para o almoço. Ao indagar o motivo dessa jornada de doze horas sem pausa alguma, foi respondido por Magali que é necessário, já que mesmo com esses padrões de horário de trabalho, ao fim do mês ainda não atinge um salário mínimo (como foi mencionado anteriormente por sua irmã, Marli).

Por fim, Magali afirma que o único benefício particular pago por ela é a aposentadoria do INSS, pois já que ela não é registrada em carteira, sua aposentadoria seria impossibilitada se não fosse por esse recurso. Diz ela também querer se aposentar pois não acha o bordado domiciliar um trabalho positivo, já que não é compensatório pelas horas de trabalho. Desse modo, afirma ao fim da entrevista que ao se aposentar, não gostaria nunca mais de mexer com bordado, assim como não recomenda o bordado domiciliar para jovens.

A experiência retratada por Magali ressalta que, mesmo as mulheres sendo completamente fundamentais e fundadoras da produção do bordado em Ibitinga, não tem seu trabalho valorizado nos dias de hoje. Uma jornada de trabalho extensa como a de Magali, com a remuneração que é recebida pela mesma, retrata como o bordado de Ibitinga se tornou uma economia perversa e que menospreza o trabalho das bordadeiras.

Outra entrevistada que traz sua estória de modo a acrescentar ricamente ao trabalho é Alessandra Freitas, de 39 anos, filha de Magali, que trabalha na mesma empresa que sua tia, Marli. Alessandra afirma que seu trabalho é formal, ou seja, possui carteira assinada e direitos garantidos, como é no caso de Marli, e

¹ A falsa ideia de horários livres faz com que muitas tenham a sensação de controlar sua produção, quando muitas vezes trabalham jornadas completamente excessivas.

que ganham um salário mínimo, sendo que trabalhadores de cargos mais altos recebem um pouco a mais.

Alessandra também aponta como as empresas de bordado buscam integrar em sua produção jovens que participam do Jovem Aprendiz, oferecido no município de Ibitinga pela Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), e que são encorajados a se aplicarem para ao se formarem, comporem a equipe de produção da empresa como trabalhadores assalariados.

Isso possui uma ligação do que foi apontado por Marli, pois a inserção desses jovens no mercado do bordado é um motivo de orgulho para as famílias, como aponta Alessandra, pois muitos vêm de famílias que possuem essa herança do bordado domiciliar, que como apontou Marli e Magali, não são tão compensatórios quanto o trabalho nas fábricas de bordado.

Isso ajuda a entender como o bordado se destacou na economia do município, e como impacta a vida das famílias ibitinguenses, ou seja, a relação entre as bordadeiras e suas filhas (sujeito) com as fábricas e a produção em si do bordado (objeto), criam para elas uma representação social do que é o bordado, através das estórias por elas apresentadas.

Por último, é entrevistada Aparecida Izildinha de Freitas, de sessenta e nove anos, que mesmo não sendo da família Fernandes, possui grande relação com eles e, principalmente, com o bordado. Izildinha afirma que iniciou sua vida no bordado dentro de sua casa no final da década de 70 e início da década de 80, bordando enquanto conciliava o trabalho doméstico e a criação de seus dois filhos.

Como destaca a entrevistada, na época a jornada de trabalho do homem e da mulher eram diferentes. Em sua perspectiva (da qual compreendo como verdadeira), a jornada de trabalho da mulher era maior, já que o homem trabalhava as horas previstas em sua jornada de trabalho, enquanto Izildinha por exemplo, conciliava o bordado e os trabalhos domésticos, assim como criar seus dois filhos, Luís Carlos e Graziela.

Desse modo, Izildinha concorda que até os dias atuais, o trabalho da mulher sempre é mais extenso devido à dupla jornada, onde mesmo ao chegar em

sua casa, não pode gozar do descanso e relaxamento que o homem possui, devido aos afazeres da casa.

Quanto a produção, a entrevistada afirma que o bordado era feito sobre pedido, ou seja, outras mulheres (que possuíam uma condição financeira melhor, afirma Izildinha), iam até as bordadeiras em suas casas, com peças riscadas² para que bordassem até a data combinada entre elas. Dessa forma, a remuneração não era feita como nos casos de Marli e Alessandra, onde seu trabalho é remunerado pelas horas de trabalho, pois no caso de Izildinha a remuneração era por peças bordadas.

Desse modo reforça Izildinha como a produção do bordado sempre teve e, como em casos de Magali, ainda é forte na área domiciliar, dando destaque assim para as mulheres que participam desse processo produtivo, desde a segunda metade do século XX até os dias atuais.

Como retoma Izildinha, na época em que bordava, havia uma predominância de mulheres idosas que ensinavam as mais jovens (muitas vezes suas filhas), a bordar e auxiliá-las na produção dentro de casa, sendo visto como um motivo de orgulho, pois como apresenta a entrevistada, “era uma riqueza, tinham ofício”. Izildinha afirma que não foi o caso com ela, já que não ensinou sua filha Graziela tendo em mente que gostaria de que ela estudasse e se formasse na faculdade.

Também afirma Izildinha que nessa época, começam a surgir as Escolas de Bordado, das quais ensinavam tanto mulheres (que eram sua maioria), quanto homens, que vinham do campo e buscavam na cidade alternativas para o trabalho árduo do campo, sendo o bordado uma delas. Desse modo, é possível ver como a estória de Izildinha destaca o que foi apontado por Matushima (2005) sobre a relação do êxodo rural e o homem no bordado.

Sua jornada de trabalho era muitas vezes ausente de um horário fixo. Izildinha disse que acordava por volta das seis horas da manhã, preparava o almoço, cuidava das crianças e ia bordar normalmente até às seis horas da tarde. Disse também que, em casos de grandes pedidos, bordava até a noite para dar

² Com riscadas, Izildinha se refere às marcações que eram feitas nas peças para que as bordadeiras soubessem onde bordar.

conta das encomendas. Sobre a remuneração, afirmava que na época o ganho era muito baixo, nem chegando perto da metade de um salário mínimo, e de acordo com ela, sendo um valor “desprezado” dentro de casa por ser muito baixo.

Izildinha levanta também como, mesmo a quantia sendo pouca, o dinheiro recebido pelo bordado era importante, pois auxiliava nas compras de casas, principalmente em artigos básicos como comida, papel higiênico, bebidas, entre outros.

Para ela, não existia uma perspectiva de evoluir dentro daquela produção. O bordado de Ibitinga, mesmo em outra época, ainda dependia muito do capital e do estudo do indivíduo para que fosse possível abrir salões e criar a própria linha de produção, por exemplo.

No final da entrevista, ao perguntar se retornaria para a produção do bordado (após aproximadamente duas décadas sem bordar), retornaria para o bordado como uma maneira de ocupar sua mente e se lembrar de tempos antigos.

O que foi trazido por Izildinha é um grande destaque a como a mulher bordadeira, dentro de casa, já não era valorizada como uma trabalhadora. Mesmo sendo um dos únicos trabalhos da qual era permitido executar, não era valorizada pelo seu esforço. Outro destaque desta entrevista é a clara terceirização do trabalho, que não é uma característica do trabalho no bordado apenas atualmente, mas vem sendo observado há anos.

Todas as entrevistas conduzidas serviram para compreendermos a relação entre o espaço e as entrevistadas. Mas de que modo? Através das representações, observadas em suas histórias. Pois bem, para analisarmos isso, é preciso compreender como cada uma das entrevistadas possuem uma relação diferente com o bordado, mesmo todas sendo participantes de um grupo, o das bordadeiras de Ibitinga.

Desse modo, como dito antes, Gil Filho (2005) afirma que as representações coletivas remetem a fenômenos sociais que impactam certos grupos que vivenciam coletivamente (ou com certa proximidade) tais eventos, possuindo uma relação coletiva entre esses sujeitos e determinado objeto. Mas nesse caso, é possível observar nas bordadeiras entrevistadas a mesma representação espacial?

A resposta é não. E o motivo disso é pelo que é trazido por Massey (2008), e utilizado ao escolher conduzir essas entrevistas, que são as estórias. Cada uma apresenta através de suas vivências e experiências, estórias diferentes, tanto pela espacialidade dos acontecimentos (como por exemplo, bordado nas fábricas ou nos domicílios) e pela temporalidade (como no final do século XX ou atualmente), tornando assim a dialética sujeito e objeto diferente para cada uma.

Dessa forma, da mesma maneira com que o bordado e as bordadeiras são influenciados pelo arranjo espacial que estão inseridas, ambos constroem o espaço, através das suas relações que são ou não realizadas, mostrando que o espaço é produto dessas relações, que geram as multiplicidades de representações citadas acima.

Aqui, então, o espaço é, sem dúvida, um produto de relações (primeira proposição), e para que assim o seja tem de haver multiplicidade (segunda proposição). No entanto, são relações de um sistema coerente, fechado, dentro do qual, como se diz, tudo (já) está relacionado com tudo (MASSEY, 2008, p. 32).

Dessa maneira, compreender que o bordado e as bordadeiras fazem parte de um sistema do qual não é fechado, ou seja, está em constante construção, nos permite compreender sua relação com espaço e a alteração na representação vista em cada uma das entrevistadas, por exemplo.

Um bom exemplo disso, é analisando as entrevistas, começando a pela análise da temporalidade através de Alessandra e Izildinha. Pode-se perceber como, na época de Izildinha, o bordado era visto como apenas uma renda complementar dentro da casa, sendo menosprezado muitas das vezes dentro do lar, enquanto para Alessandra, por outro lado, é a principal fonte de renda para sua família.

Isso resgata a ideia de Massey (2008) sobre a influência da temporalidade na relação entre espaço e as estórias. Como pode ser visto, o tempo é agente transformador, assim como os indivíduos, do espaço. Portanto, o bordado que para Izildinha era apenas uma maneira de fazer “alguns trocados a mais”, hoje em dia é importantíssimo para famílias como a de Alessandra.

Cabe também analisar o viés da espacialidade, comparando Marli e Alessandra com Magali e Izildinha. Enquanto as duas primeiras trabalhavam (ou

trabalham) em seus domicílios, as outras duas trabalham em fábricas de bordado. Isso remete a uma espacialidade, ou seja, como o espaço é organizado e influencia suas vidas, assim como elas influenciam o espaço.

No caso de Magali e Izildinha, o espaço de trabalho é a própria casa. Assim, dentro de seu trabalho, ainda possuem responsabilidades do dia, como cozinhar almoço, cuidar da casa, entre outros, que fazem parte do trabalho. Desse modo, o trabalho mal remunerado junto das duras horas de trabalho seguidas se junta a uma sensação de falta de lazer, pois sua casa agora é o seu trabalho.

Por outro lado, Marli e Alessandra possuem um espaço de trabalho específico, as fábricas de bordado. Lá, elas encontram, mesmo que em uma grande jornada de trabalho, direitos básicos que não são garantidos às bordadeiras domiciliares, denotando a diferença entre o trabalho nesses dois espaços. Também, ao chegarem em casa, enfrentam a segunda jornada de trabalho, que é o serviço doméstico. Desse modo, mesmo não estando todas as horas do dia em seu local de trabalho, o espaço de trabalho se expande às suas casas, já que a dupla jornada faz com que não possam ter lazer.

Dessa maneira, cada uma cria uma representação diferente, baseada nessas histórias. Como Magali afirmou, não voltaria para o bordado depois de aposentada. Isso se deve a sua relação com o bordado, com a falta de remuneração, com o cansaço e a precarização de suas condições econômicas e de saúde causadas pelo trabalho no bordado. Portanto, por depender e trabalhar tanto e ao mesmo tempo ser tão pouco recompensada, tem uma aversão, uma falta de vontade de retornar ao bordado, ou seja, essa é sua representação do bordado.

Por outro lado, para Izildinha, é diferente. Ela afirma que retornaria para o bordado, mas como lazer, uma distração. Isso se deve pela sua experiência com o bordado, sendo ele responsável por prover trabalho e, mesmo que pouquíssimo, dinheiro para que comprasse leite e outras coisas importantes para seus filhos. Desse modo, a representação que Izildinha possui do bordado é positiva.

Na mesma ideia, isso se encaixa para Magali e Alessandra, por exemplo. Mãe e filha, que trabalham com bordado, possuem diferentes representações pelas suas histórias. Essa relação fica evidente quando, mesmo Magali não

querendo mais participar do bordado justamente pela sua vivência com o mesmo, Alessandra abraça a importância da fábrica de bordado em sua vida, já que é o que auxilia no sustento de sua casa.

Portanto, é preciso reforçar que as representações se alteram de acordo com as histórias e a relação entre indivíduo, espaço e tempo. Cada época, cada espaço, cada indivíduo (ou em certos casos, grupos de indivíduos), possuíram uma diferente representação de acordo com o caminhar de suas vidas, ou seja, suas experiências.

Dessa forma, a cultura, abordada em Geografia Cultural, remete a isso. A cultura do bordado de Ibitinga possui diferentes representações, já que cada indivíduo se relaciona de uma maneira com esse bordado. Essas representações nem sempre são positivas, pois como destaca Cosgrove (2012), resultam de uma cultura dominante, ou seja, a cultura do bordado, que é muito boa para alguns, como Alessandra, não igual para outros, como Magali.

Seu poder é mantido e reproduzido, até um ponto consideravelmente importante, por sua capacidade de projetar e comunicar, pois quaisquer meios disponíveis e por todos os outros níveis e divisões sociais, uma imagem do mundo consoante, com sua própria experiência e ter essa imagem aceita como reflexo verdadeiro da realidade de cada um (COSGROVE, 2012, p. 225).

A fala de Cosgrove (2012) dialoga com a de Massey (2008), ou seja, não se pode compreender o espaço como algo singular, mas sim como uma dimensão de trajetórias múltiplas e simultâneas. Esse tipo de diálogo é que permite compreender as diferentes representações, vistas nesse trabalho em cada uma das entrevistadas, por exemplo.

Portanto, trabalhar a Geografia Cultural relacionando as mulheres bordadeiras em Ibitinga permite que, mesmo apesar da representação cultural tratada por Cosgrove (2012), que remete a uma identidade, no caso de Ibitinga, o bordado, as representações de cada indivíduo sejam diferentes e apresentem características que foram formadas e moldadas durante sua vida, expressadas em suas histórias.

Considerações Finais

Compreender a importância da análise pelo viés da Geografia Cultural permite que possamos compreender a realidade de uma maneira não singular, mas sim completa, entendendo a variedade de realidade e representações que possuem determinados grupos e indivíduos.

As bordadeiras de Ibitinga foram e ainda são partes essenciais no quebra-cabeça econômico e social do município, e precisam ser devidamente estudadas e respeitadas, através de trabalhos e ações municipais que lhes deem o devido reconhecimento por todo seu árduo trabalho.

Portanto, uma maneira de respeitá-las e reconhecer seu trabalho, é manter-se pesquisando sobre o tema e expondo cada vez mais a realidade, as representações e a história das bordadeiras de Ibitinga, para que mulheres como Izildinha, Magali, Marli, Alessandra, entre tantas outras bordadeiras, ganhem cada vez mais o respeito que lhes é merecido.

Referências

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. p.219-237. In: CORRÊA, Roberto L; ROSENDHAL, Zeny. (Orgs.) **Geografia Cultural: uma antologia**. vol.1. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

ESTEVES, Thiago Veríssimo; ALVES, Flamarion Dutra. **Relações de Trabalho e Precarização na Indústria Têxtil de Paraguaçu-MG: o caso da produção de ternos**. Revista Pegada –vol. 21, n.2, p. 199-225, 2020.

FERNANDES, Marli. **Entrevista com Marli Fernandes**. Entrevistador: João Vitor de Freitas, Ibitinga, 2022.

FERNANDES, Magali. **Entrevista com Magali Fernandes**. Entrevistador: João Vitor de Freitas, Ibitinga, 2022.

FREITAS, Alessandra. **Entrevista com Alessandra Freitas**. Entrevistador: João Vitor de Freitas, Ibitinga, 2022.

FREITAS, Aparecida Izildinha . **Entrevista com Aparecida Izildinha de Freitas**. Entrevistador: João Vitor de Freitas, Ibitinga, 2022.

GIL FILHO, Sylvio. Geografia cultural: estrutura e primado das representações. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, P. 51-59, 2005.

IBGE. **Informações sobre o Município de Ibitinga-SP**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ibitinga/pesquisa/23/22957?detalhes=true>>. Acesso em 07 de Agosto de 2022.

LEITE, Márcia de Paula. **As Bordadeiras de Ibitinga: trabalho a domicílio e prática sindical**. Cadernos Pagu (32), janeiro-junho, p. 183-214, 2009.

MASSEY, Doren. 1. Proposições iniciais. P.28-56. In: MASSEY, Doren. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATUSHIMA, Marcos Kazuo. **Especialização Produtiva e Aglomeração Industrial: uma análise da indústria de confecções de Ibitinga-SP**. Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, Rio claro, 2005.